



18º Congresso de Iniciação Científica

**CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA DO LAZER A PARTIR DOS AUTORES CLÁSSICOS: AS
CONTRIBUIÇÕES DE BENJAMIN, ADORNO E HORKHEIMER, MARCUSE, FROMM,
HABERMAS, ELIAS E DUNNING**

Autor(es)

RENATA MORAIS DO NASCIMENTO

Orientador(es)

NELSON CARVALHO MARCELLINO

1. Introdução

Os termos “teoria” e “prática” são bastante utilizados no senso comum, o que levou a um desgaste quanto ao seu entendimento, inclusive nos meios acadêmicos, principalmente naquelas áreas ligadas à prática de atividades.

Em geral, entende-se “teoria”, como uma especulação, ou como “discurso vazio”, desvinculado da realidade vivida no concreto, e “prática”, como uso, experiência desvinculada da “teoria”, o que a transforma, via de regra, em tarefa, ou ação desprovida de sentido.

Se entendermos Teoria como conjunto de conhecimentos, não ingênuos, que apresentam graus diversos de sistematização e credibilidade, e que se propõem explicar, elucidar, interpretar e unificar um dado domínio de problemas que se oferecem à atividade prática; e Prática, como saber provindo da experiência, e ao mesmo tempo aplicação da teoria, poderíamos, ao invés de sua dicotomia, compreender o que SAVIANI (1980) denomina de dialética estabelecida entre ação, reflexão, ação. Dessa forma chegaríamos não a uma dicotomia teoria e prática, mas a um conceito que não lhes esgotasse a extensão, ou seja, a uma unidade, que não pode e não deve ser entendida como unificação, no que se chama de “práxis”: Entender-se-ia que não existe atividade sem projeto, ato sem programa (FORACHHI, M.A.e MARTINS, J.S. 1981).

Assim, não é necessária a criação de uma Ciência específica para a elaboração de uma Teoria sobre uma determinada problemática, mas essa pode ser estabelecida a partir da contribuição de várias ciências e da reflexão filosófica, ou seja, da Filosofia entendida enquanto produto e sobretudo, enquanto processo.

É importante destacar, ainda, que a Teoria, exatamente por guardar estreita relação com o agir humano, não é neutra, possuindo não apenas uma dimensão lógica, mas também uma dimensão antropológica (PEREIRA, 1982). Não são puramente objetivas, mas carregam alto grau de historicidade e de subjetividade. Assim sobre um mesmo assunto, uma mesma problemática, existem, e devem existir, teorias divergentes, e até antagônicas, dependendo das concepções que as embasam.

Podemos considerar que existe uma Teoria do Lazer, desconhecida da grande maioria dos profissionais que atua na área, que vem sendo formulada desde a filosofia Clássica, e ganha impulso com a criação e desenvolvimento das Ciências Humanas, entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX, e que tem recebido contribuições constantes da Sociologia, Antropologia, Arquitetura/Urbanismo, Comunicações, etc.

1.Desconhecendo a Teoria do Lazer, o profissional que atua nessa área, além de confundir a prática do lazer, com a prática profissional que o lazer requer, não estabelece uma prática, mas sim um “tarefismo”. Isso pode ser verificado nas aulas de graduação de muitos cursos superiores e nos “manuais” de recreação e lazer.

2.A Teoria do Lazer, sobretudo embasada em autores clássicos, é imprescindível para fundamentar projetos específicos de investigação que relacionam atividades físicas e/ou modalidades esportivas relacionadas ao componente lúdico da cultura, ou as relações entre o lazer e as demais esferas da vida social(MARCELLINO, 1995).

2. Objetivos

Nosso objetivo foi analisar as principais contribuições de alguns autores clássicos, pós revolução industrial, para a construção de uma possível teoria do lazer.

3. Desenvolvimento

O trabalho foi efetuado por pesquisa bibliográfica (PARRA FILHO & SANTOS, 2002, RAMPAZZO, 2002, HUHNE, 2002, SANTOS, 1999, ECO, 1977), realizado a partir de levantamento bibliográfico efetuado no Sistema de Bibliotecas da UNIMEP e UNICAMP, e ferramentas disponíveis na Internet. As obras selecionadas foram lidas e analisadas por análise textual, temática, interpretativa e crítica (SEVERINO, 1980).

4. Resultado e Discussão

A bolsa de Iniciação Científica nos permitiu o estudo dos seguintes autores: Walter Benjamin; Theodor W. Adorno e Max Horkheimer; Herbert Marcuse; Erich Fromm; Jürgen Habermas; Norbert Elias e Eric Dunning. A partir da leitura da crítica que esses autores fizeram da sociedade e da cultura contemporânea é possível visualizar elementos importantes sobre a temática do lazer tal qual inserido na sociedade então criticada.

Para o estudo sobre Benjamin, foram selecionados alguns textos de “Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação” (BENJAMIN, 2002), e o ensaio sobre “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” (BENJAMIN, 1995).

Nos trabalhos selecionados para análise, a percepção é que, tanto ao defender a criatividade infantil e o lúdico nos momentos de lazer (BENJAMIN, 2002), quanto ao tratar de forma positiva das mudanças ocorridas nas formas de produção cultural/artística, a partir da utilização de técnicas de reprodução que levaram ao maior acesso das massas (BENJAMIN, 1995), Benjamin valoriza a capacidade e a possibilidade humanas de aproximação e participação em produções culturais como algo revolucionário e positivo, instrumento de atitudes críticas. De relação com o lazer, destaca-se o entendimento de Benjamin de que isso ocorreria nos momentos de lazer e distração, quando a pessoa geralmente tem maior contato com produções culturais e artísticas. A compreensão de Benjamin acerca da mudança na forma de produção cultural/artística, a partir da utilização de técnicas de reprodução que levam à maior recepção das massas, foi reprovada por Adorno e Horkheimer (WIGGERSHAUS, 2002). Podemos encontrar elementos dessa contraposição a Benjamin ao analisar suas contribuições para uma possível teoria do lazer a partir da leitura de *Dialética do Esclarecimento* (HORKHEIMER; ADORNO, 1985), obra clássica da década de 1940, que selecionamos para o estudo da contribuição de seus autores.

O termo Indústria Cultural, cunhado por Adorno e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento* (HORKHEIMER; ADORNO, 1985), denuncia na cultura o que antes era arte e tornou-se técnica, produzida como mercadoria. Refere-se também à difusão de produtos culturais a nível comercial e autoritário, como forma de adaptar as massas às mercadorias. A ideologia da Indústria Cultural seria dominação por meio da disseminação de produtos padronizados, destinados ao consumo das massas, como se tivessem que satisfazer necessidades iguais. Essa padronização, aceita sem resistência, culminaria na falta de autonomia dos indivíduos, e na sua dominação inconsciente. A Indústria Cultural seria a destruição da capacidade crítica da obra de arte, dominando assim os indivíduos e criando uma forma de diversão alienante. Adorno e Horkheimer (1985) diagnosticam os produtos da indústria cultural, nos momentos de lazer, como repressores das liberdades individuais, que padronizam e conformam as massas, condicionando-as ao mundo do trabalho.

Estudamos Herbert Marcuse a partir de *A ideologia da sociedade industrial* (MARCUSE, 1979). A partir da análise realizada, compreendemos que o lazer está incluído na teoria de Marcuse como parte integrante da “sociedade industrial”, porém, como compreende, as atividades de lazer estão ligadas a outras esferas da sociedade por serem administradas pela política e pela economia. Assim, não podem ser consideradas “livres”. Em outras palavras, o que Marcuse afirma é que mesmo os momentos reconhecidos como “horas livres”, quando o indivíduo estaria supostamente liberado para cumprir as atividades que bem entendesse, não são realmente “horas livres” na razão da sociedade industrial desenvolvida. Sendo assim, as atividades praticadas como lazer, sejam elas atividades em grupo ou individuais, são regidas pela sociedade, dominadas por seus interesses, manipuladas como meio de manutenção da dominação estabelecida (MARCUSE, 1979).

No estudo sobre Erich Fromm, mereceu atenção *Psicanálise da sociedade contemporânea* (FROMM, 1983). Para Fromm, o homem da sociedade ocidental do século XX não sabe o que fazer nem como lidar com seu tempo livre do trabalho. O homem alienado é infeliz e está ansioso para matar o tempo. Para isso, consome diversão como forma de distrair-se de sua infelicidade. O consumo da diversão dá-se pelos meios de comunicação e pelos produtos culturais comercializados, que serviriam como um remédio contra a exteriorização de sintomas neuróticos. Sem esse remédio – cinema, rádio, TV e esporte ? o homem seria deixado por conta de seus próprios recursos.

Ao analisarmos o trabalho de Habermas, foram selecionadas as obras *Mudança estrutural da esfera pública* (HABERMAS, 1984) e

Teoría de la acción comunicativa (HABERMAS, 1987). Em Mudança estrutural da esfera pública (HABERMAS, 1984), Habermas critica as formas de a difusão, escolha, apresentação e embalagem das obras culturais a partir de quando passaram a ser produzidas para consumo, pelo objetivo de distrair e divertir dos consumidores, ao invés de formar e educar o público por meio da cultura (HABERMAS, 1984). Segundo Habermas, as características dessas produções, que garantem “conforto e comodidade” à massa receptora, são fundamentais para essa regressão das produções culturais, que por sua vez fazem regredir aquele que as consome (HABERMAS, 1984). Já em Teoría de la acción comunicativa (HABERMAS, 1987), Habermas compreende que as sociedades modernas estão divididas em duas esferas: O “mundo do sistema”, que é o mundo do trabalho (economia e Estado), e o “mundo vivido”, que é o mundo das relações e da comunicação, representando a vida social cotidiana, (HABERMAS, 1987). A leitura desses referenciais tem sido utilizada como embasamento para estudos acerca do lazer. Pesquisadores contrários à concepção de tempo de trabalho estritamente ligada à de tempo livre, recorrem a Habermas para falar de um lazer desvinculado do trabalho, abordando a sociedade vista como determinada pelo meio comunicativo, em que a categoria trabalho, ao invés de ser determinante, teria potencial de igualdade em relação às demais esferas da vida social (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2008).

Analisamos também os trabalhos de Norbert Elias e Eric Dunning, a partir da “teoria do processo civilizador”, exposta por Norbert Elias na obra O processo civilizador (ELIAS, 1990 e 1993), consubstanciadas em A busca da excitação (ELIAS; DUNNING, 1992). Os autores fazem uma crítica à tradicional análise do lazer como prática presa à dicotomia “lazer x trabalho”. Não consideram que o lazer e os objetivos de sua prática sejam totalmente determinados pelo trabalho; dessa forma, defendem que o lazer só pode ser compreendido se analisado a partir da rotina dos indivíduos, não somente em relação ao trabalho, mas também em outras atividades do tempo livre (ELIAS; DUNNING, 1992). Outra questão importante é que Elias e Dunning não compreendem as tensões como algo do qual as pessoas fogem em suas práticas de lazer. Pelo contrário, entendem o lazer como uma busca por excitação e prazer que, por conta do controle exercido sobre os impulsos das pessoas, não podem ser manifestados na vida cotidiana. Assim, um tipo de tensão agradável tem papel importante como quebra da rotina por meio de um perigo imaginário e provisório (ELIAS; DUNNING, 1992).

5. Considerações Finais

Destacamos e analisamos a contribuição de alguns autores clássicos do século XX, para a formulação de uma possível Teoria do lazer. Eles são das mais variadas formações, o que confirma que o lazer é um campo multidisciplinar de estudos. As contribuições dos autores devem ser levadas em conta, de acordo com o tempo/espço em que viveram, e suas filiações ideológicas. Suas abordagens ora são diretas, ora são indiretas (MARCELLINO, 2010, 1992), e a consideração do lazer ocorre tanto de uma perspectiva idealista, quando de uma perspectiva concreta (MARCELLINO, 1992). Demonstram, no conjunto, que o lazer tem sua especificidade (MARCELLINO, 1992), mas que deve ser entendido no plano cultural de que faz parte, e com suas relações com o terreno das obrigações, destacando-se as relações lazer e trabalho.

Quanto à sustentação ao método enquanto relação teoria e prática, ou processo discursivo, verificamos que os autores ora adotam abordagens “funcionalistas” e ora “críticas”, baseadas no “materialismo-histórico dialético” (MARCELLINO, 2010), e que essas últimas podem ser apenas “críticas”, ou “crítico-criativas”.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, M. A.; GUTIERREZ, G. L. Cultura e lazer: uma aproximação habermasiana. Lua Nova, v. 74, p. 93-138, 2008.
- BENJAMIN, W. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.
- ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.
- ELIAS, N. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. v. 1.
- _____. O processo civilizador: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1993. v. 2.
- FORACCHI, M. A. e MARTINS, J.S.(Org.) Sociologia e Sociedade. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- FROMM, Erich. Psicanálise da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.
- HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- _____. Teoría de la acción comunicativa, I. Racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid: Taurus, 1987a.
- _____. Teoría de la acción comunicativa, II. Crítica de la razón funcionalista. Madrid, Taurus, 1987b.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- HUHNE, L.M., Metodologia científica: caderno de textos e técnicas, Rio de Janeiro: AGIR, 2002.
- MARCELLINO, N.C. Lazer e educação. 15ª. ed., Campinas, Papyrus, 2010.
- _____. A dicotomia teoria/prática na Educação Física. In: Motrivivência. Santa Catarina: UFSC, Ano VII, nº 08, p. 73-78, 1995.
- _____. O lazer: sua especificidade e seu caráter interdisciplinar. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, CBCE, v. 12, p.

313-317, 1992.

MARCUSE, H. A ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PARRA F., D. & SANTOS, J.A. Metodologia científica. 5a. Edição. São Paulo: Futura (2002).

PEREIRA, O. O que é teoria. S.Paulo, Brasiliense, 1982.

RAMPAZZO, L., Metodologia científica. São Paulo: Edições Loyola, 2002

SANTOS, A.R.dos, Metodologia científica: a construção do conhecimento, 2a. edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

SAVIANI, D. Educação do senso comum à consciência filosófica. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1980.

SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo. Cortez, 1980.

WIGGERSHAUS, R. Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política. Rio de Janeiro: Difeel, 2002.